

Brizola elege Collor o alvo para suas críticas

Porto Alegre — O candidato do PDT à Presidência da República, Leonel Brizola, manteve ontem em Porto Alegre, a estratégia de ataques a Fernando Collor de Mello, mas inovou nas críticas, chamando o candidato do PRN de “uma espécie de Caiado de Castro (o líder da UDR, Ronaldo Caiado, urbano) e de “filhote da ditadura”, fazendo referências ao pai de Collor, Arnon Mello, como “senador da ditadura”. Brizola disse também que Collor de Mello tem “uma cabeça que não funciona bem” e que já o levou a vários “escorregões” como chamar o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, de “generaleco”, negar-se a um diálogo com empresários, além de ofendê-lo com palavrões. Para Brizola, se Collor de Mello tem “olho de jacaré, dente de jacaré, como é que não é jacaré?”

Durante o café da manhã com os repórteres, antes de se deslocar a Camaquã para rever o seu primeiro projeto de reforma agrária, Brizola não se esqueceu também de outro adversário, o candidato do PT Luiz Ignácio Lula da Silva, afirmando que as diferenças entre PT e PDT é que “eles são radicais, nós não. Eles não estão à nossa esquerda, nos somos a esquerda coerente”.

Continuismo

Mas o alvo preferido das críticas foi Collor de

Mello, a quem esta disposto a “desmascarar”. Para ele, o candidato do PRN é um “filhote da ditadura que quer iludir os incautos com o apoio dos órgãos de comunicação”. Na sua opinião, a candidatura de Collor de Mello representa “O continuismo da ditadura, apoiada por forças da ditadura como Roberto Marinho”.

Brizola, todavia, disse que não vai agir como Collor: “Se um burro dá um coice, não podemos dar outro, se um cachorro morde, não podemos morder. Vou é agarrá-lo pelo rabo e levá-lo assim durante a campanha”. O candidato do PDT também se referiu aos apoios que pode receber e salientou não ter a pretensão de “qualificar” as pessoas que quiserem apoiá-lo. “Nós repelimos qualquer tipo de patulhismo. Quem quiser, entre pela direita, pela esquerda pouco importa, porque as nossas lideranças zelam pela fidelidade aos princípios e compromissos do PDT. Se setores de PDS ou do PFL quiserem nos apoiar, serão bem-vindos, desde que não exijam que abandonemos os nossos compromissos”.

Preocupação

Brizola disse ainda estar preocupado com a crise econômica do País: “quando a inflação chega a limites estonteantes, pobres e ricos passam a viver uma situação precá-

ria, isto pode criar uma instabilidade. Advertiu que pode haver interessados em “fabricar ineficiências para impedir a eleição”, mas não disse quem são estas pessoas. Com a visita ao Estado ligada ao seu projeto de reforma agrária, este foi um dos seus assuntos preferidos. Para ele, a reforma agrária deve ser “desideologizada” e discutida num “ambiente distensionado”. Acrescentou que “em vez do sentido revolucionário, a reforma deve ser encarada como fator de desenvolvimento” e considerou que a grande propriedade “pode ser permitida dentro de um adequado zoneamento”. Os bancos, todavia, “não devem ser proprietários de terras, a não ser que o dono do banco irá pegar na enxada”. Ele entende que o direito de propriedade “deve ser defendido, não ameaçado, porque a propriedade é tão boa, que nós a queremos para todos”.

Criticou as invasões de terras, mas manifestou-se favorável aos acampamentos de sem-terras em locais públicos, “mas sem invasão de propriedade, sem armas, sem cachaça ou uísque” e condenou os setores da igreja que apóiam as invasões. “Se apóiam, devem reexaminar. É iniciativa de alguns padres inexperientes, radicais por inexperiência”.

JORNAL DE BRASÍLIA

23 MAI 1989

23 MAI 1989

23 MAI 1989